

(2006) ROMANA PETRI, *REGRESSO À ILHA*. LISBOA, CAVALO DE FERRO.

Manuel Tomás – Escola Básica 2,3 e Secundária Cardeal Costa Nunes. Avenida Padre Nunes Rosa 9950-302 Madalena (Pico).

Em 1996, a escritora italiana, Romana Petri veio ao Pico e durante uma temporada de Verão por aqui andou e no lugar dos Arcos fez a sua base de trabalho, produzindo um romance muito aplaudido em Itália, a *Senhora dos Açores*. Agora, acaba de lançar novo livro, sobre a mesma personagem e o mesmo sítio, e intitulado de *Regresso à Ilha*. Nos dois casos, a editora é a Cavallo de Ferro. São dois livros de leitura corrida e cativante: quem pega neles não pára, leva-os, de uma assentada, até ao fim. Talvez pelas fortes emoções que nos transmitem, mas também, no meu caso, pelo assunto em causa e pela proximidade/distanciamento que a matéria romanesca transporta, onde os planos da autora e das personagens empíricas e das textuais se misturam e, por vezes, somos levados a certo entusiasmo, também por força dessa *confusão* provocada pelo contexto em que nos movemos.

Em *A Senhora dos Açores*, o espaço é determinante para o enquadramento das personagens, todas elas com nomes reais, bem conhecidos de toda a gente da freguesia de Santa Luzia e não só, que o Pico acaba por ser uma

aldeia global(mente) pequena: *João Freitas, Júlio Neves, Maria Moniz, Malvina Sebastião, Isabel e Maria José Lima*. São estes os nomes dos diferentes capítulos a que se juntam os de *Pico, Cabrito e Arcos*, os sítios da história. E aqui temos o segredo do romance premiado em Itália: pessoas



reais e espaços reais onde aquelas se movimentam. Para um italiano, para um português ou açoriano de outra ilha, a leitura oferece outros sentidos e contornos de ficção que um picaroto terá sempre de se esforçar por alcançar de um modo diferente, porque a realidade está muito próxima. Em *Regresso à Ilha*, o espaço é o mesmo, mas a sua importância diminui e a personagem principal, de novo *João Freitas*, assume todo o relevo, pois trata-se, no tempo da ficção, de uma longa conversa entre a narradora e a personagem, nas horas que mediam entre duas lanchas, no mês de Maio, onde já há mais demora entre a primeira e a última travessia do Canal. E aqui, novamente, essa *mistura* entre os planos da enunciação e do enunciado, entre a realidade e a ficção, entre a autora e o amigo dos Arcos, entre a narradora e a personagem de *João Freitas*. É desta simplicidade que nasce uma forte emoção, deliberadamente intencional e claramente praticada por Romana Petri, que aumenta o encanto da leitura. Afastada do contexto picaroto ou próxima dele, a leitura, com graus diferentes, será sempre muito emotiva e catártica, numa espécie de ajuste de contas entre quem pede explicações e quem não tem nada que as dar, tanto mais que quem pede as justificações foi quem «devassou» a vida de um pacato picaroto, regressado da Amé-

rica e muito combalido com a morte da sua amada.

Serão lícitas duas leituras? Uma no Pico, no contexto social e cultural dos Arcos de Santa Luzia e no outro, no dos leitores alheios a este contexto? Se fosse uma obra do chamado empenhamento social e político, daquelas que fazem muitos prémios «Nobel», seria inócua e sem grandes implicações, mas não é. É um livro de emoções fortes, resultado de uma conversa sobre o assunto de outro livro (*A Senhora dos Açores*), de justificação à personagem, daquilo que «uma italiana maluca» fez a um recatado homem regressado da Califórnia e a padecer das saudades da sua falecida mulher e de quem não consegue desprender-se e, por isso, se vai refugiando no consumo de álcool, em excesso e diariamente. Até ao dia em que resolve esse problema e encontra a solução adequada para o seu mal de amor.

Basta entrar no livro para se sentir esta dupla leitura: «Desta vez não é propriamente Verão, é uma Primavera avançada de fim de Maio. Nem sequer devia ir ao Pico, devia ir apenas ao Faial apresentar o livro que te dediquei. Mas depois aconteceu aquela coisa estranha na feira do Livro, em Lisboa. Sentei-me à mesa de apresentação e, na primeira fila, estava uma rapariga a olhar para mim. Eu também olhei para ela e então ela levan-

tou-se, aproximou-se de mim e disse, Aproveito antes que comece a sua apresentação. Chamo-me Marta, sou prima do João Freitas. O resto do dia já não fez muito sentido, nem tão-pouco sei como correu aquela apresentação, pois durante o tempo todo só tu estiveste no meu pensamento». Como, eloquentemente, disse Fernando Pessoa, «o poeta é um fingidor / finge tão completamente / que chega a fingir que é dor / a dor que deveras sente». E os leitores de *Regresso à Ilha*, agora só têm de sentir outra coisa ainda, a beleza de um texto diferente, fora da realidade que deu origem a esta história que se lê de um fôlego – li o livro entre Lisboa e Bruxelas e, talvez por isso, tenha gostado ainda mais.

Tirando a imagem degradada do táxi que transporta a escritora/narradora da Madalena aos Arcos, no *Regresso à Ilha* (2006) o ambiente local está

menos presente do que em *A Senhora dos Açores* (2003) e até isso beneficiou a tradução. De facto, a tradução do primeiro livro revela um total desconhecimento do uso local da toponímia que nos parece menos bem. Por exemplo, nunca dizemos, no Pico, «no caminho de Arcos», mas «no caminho dos Arcos». Nunca dizemos «no monte do Pico», mas «na montanha do Pico». (Em *Regresso à Ilha*, já se diz «na montanha»). (Estranha é a tradução do título do livro de Romana Petri, *Os Baleeiros do Monte*, quando em italiano está escrito *Il Baleniere delle montagne*). Agora dizer «o an-gélico», em vez de «a angelica» é que dá mesmo azia, sobretudo para quem, ainda por cima, não gosta mesmo nada da dita bebida, pelos vistos muito apreciada por Romana Petri.

MANUEL TOMÁS

Madalena, 15 de Novembro de 2006